

Ainda Kissinger: a política e a moral

Nuno Severiano Teixeira | *Publico* | 13 de dezembro de 2023

Ainda Kissinger. No centenário e, agora, no momento da morte, a imprensa internacional fez correr rios de tinta sobre aquele que se tornou o símbolo da política externa americana e muitos consideram o expoente máximo das Relações Internacionais. Em Portugal, o tom foi quase sempre benévolo para não dizer hagiográfico. Mas Kissinger é um personagem complexo e contraditório que muitos admiram e outros tantos odeiam.

Para uns, ele foi um herói da política internacional, um mago da estratégia mundial, o Super Secretário de Estado que evitou que a guerra fria se tornasse quente. Para outros, à esquerda e à direita, ele foi o demónio. Para a esquerda, uma figura sinistra, amoral se não imoral, uma espécie de Doutor Estranho Amor de Stanley Kubrick, um criminoso de guerra que deixou atrás de si um rasto de milhões de mortos no Vietnam e no Camboja e que fez cair democracias e apoiou ditaduras na América Latina. Para a direita radical e isolacionista ele foi o traidor que, no seu espírito de “détente”, aceitou pactuar como o inimigo comunista, fosse a URSS ou a China de Mao.

Talvez todos tenham razão, mas nenhum tem toda a razão. Afinal quem foi Kissinger? Conheci-o, pessoalmente, nos idos de 1999, mas seguia-o desde o seu primeiro livro que era a sua tese de doutoramento: *A World Restored*. Segui-o, depois, até ao seu último livro, *Leadership*. Mas nenhum superou o primeiro. Kissinger começou por ser um académico de sucesso, em Harvard e no Council on Foreign Relations. Depois, teve a sorte que poucos académicos têm de passar da teoria à prática, da academia à administração: tornou-se Conselheiro de Segurança Nacional e depois Secretário de Estado. Isto é, deixou de escrever a História e passou ele próprio a fazê-la. Fechado o ciclo político, por causa do conhecimento teórico que tinha, da experiência prática que ganhara e dos seus sucessos políticos, inventou essa actividade lucrativa, hoje em voga, que dá pelo nome de consultoria. Isto é, vender conselhos estratégicos a governos e grandes empresas. No seu caso, a peso de ouro. Ora, como isto anda tudo ligado, a sua teoria das relações internacionais informou a sua prática política, como a sua prática política informou a sua consultoria estratégica.

Na teoria das relações internacionais Kissinger foi um realista. Mas ao contrário do que muitos pensam nunca foi um amoralista. Na teoria liberal das relações internacionais, em graus diferentes, os valores estão sempre presentes: a paz, a democracia, os direitos humanos. É uma ética da convicção. Na teoria realista, o que está sempre presente é a maximização do poder e o interesse nacional. Mas isso não significa que não haja escolhas morais, elas existem e medem-se pelas consequências. É uma ética da responsabilidade.

Mas como é óbvio, o que fez de Kissinger amado e odiado e aquilo pelo qual a História o julgará não foi a sua teoria das relações internacionais. Foram os seus anos de poder e a sua acção política internacional. Ora, se olharmos a sua política externa, para além dos ódios e dos amores, à luz do seu próprio realismo e da sua ética consequencialista, vemos que teve sucessos fracassos. Teve grandes sucessos: as negociações entre os EUA e a URSS que conduziram ao primeiro tratado de limitação de armas nucleares (SALT1), a ratificação do Tratado de Não Proliferação e a Acta Final de Helsínquia; a aproximação à República Popular da China e a sua estratégia triangular com a URSS; e as negociações entre Israel e os países árabes para o fim da guerra do Youm Kippur que abriram caminho aos acordos de Camp David.

Pelo contrário, o prolongamento desnecessário da guerra do Vietnam que custou a vida a 20 mil americanos; os bombardeamentos no Camboja que em vez de destruir o Viet Cong ajudaram ao genocídio Khmer Vermelho de 1,5 milhões de pessoas; e o apoio ao golpe militar de Pinochet no Chile quando isso não era central para o interesse americano, foram rotundos fracassos.

Joseph Nye que foi aluno de Kissinger dizia que ele ensinava nas suas aulas que as duas qualidades mais importantes de um estadista eram “o carácter e a coragem”. Kissinger foi fundamental para o desanuviamento da guerra fria e a paz no centro do sistema internacional, mas sacrificou desnecessariamente milhões de vidas na periferia e com isso falhou às virtudes morais do carácter e da coragem que ele próprio defendia e a sua ética das consequências exigia. Não falhou na teoria. Na consultoria não sei, que nunca o consultei. Nem teria dinheiro para isso.

<https://www.publico.pt/2023/12/13/opiniao/opiniao/kissinger-politica-moral-2073438>